

ROBERTO DAMATTA

# A CASA & A RUA

ESPAÇO, CIDADANIA, MULHER E MORTE NO BRASIL

5ª edição

Rio de Janeiro - 1997

## SUMÁRIO

Conversa para receber leitor.....	5
ESPAÇO - Casa, rua e outro mundo: o caso do Brasil.....	19
CIDADANIA - A questão da cidadania num universo relacional.....	46
MULHER - Dona Flor e seus dois maridos: um romance relacional.....	69
MORTE - A morte nas sociedades relacionais: reflexões a partir do caso brasileiro.....	97
Bibliografia.....	118

À memória de Victor Turner;

Para Affonso Romano de Sant' Anna, com sua poesia e sua carnavalização;

Para Roque Laraia, na casa e na rua;

E também para Otávio Guilherme Alves Velho, com admiração e amizade.

"De Nunes Machado costumava dizer o Marquês de Paraná que era capaz de todas as coragens, menos da coragem de resistir aos amigos. O grande estadista do Segundo Império fez, sem o pensar talvez, a síntese de toda a nossa psicologia política: é a incapacidade moral de cada um de nós para resistir às sugestões da amizade e da gratidão, para sobrepor às contingências do personalismo os grandes interesses sociais, que caracteriza a nossa conduta no poder."

OLIVEIRA VIANNA, Pequenos Estudos de Psychologia Social

"A distinção originada pela riqueza aumenta com o desaparecimento ou a diminuição de todas as outras. Nas nações aristocráticas, o dinheiro não atende senão a alguns pontos do vasto círculo de ambições do homem, e nas democracias, parece atender a todos."

ALEXIS DE TOCQUEVILLE. Democracia na América

"Quanto a você, da aristocracia, Que tem dinheiro, mas não compra a alegria..."

NOEL ROSA, Filosofia

## CONVERSA PARA RECEBER LEITOR

Um livro é como uma casa. Tem fachada, jardim, sala de visitas, quartos, dependência de empregada e até mesmo cozinha e porão. Suas páginas iniciais, como aquelas conversas cerimoniais que antigamente eram regadas a guaraná geladinho e biscoito champanhe, servem solenemente para dizer ao leitor (esse fantasma que nos chega da rua) o que se diz a uma visita de consideração. Que não repare nos móveis, que o dono da morada é modesto e bem-intencionado, que não houve muito tempo para limpar direito a sala ou arrumar os quartos.

Que vá, enfim, ficando à vontade e desculpando alguma coisa...

Por trás do formalismo óbvio, há sempre a regra de ouro da hospitalidade, que se traduz pura e simplesmente no respeito pela pessoa da visita e na satisfação de tê-la dentro do nosso teto, querendo conversar conosco. Aliás, melhor dizendo, são precisamente essas normas de recepção que amortecem a passagem entre a casa e a rua e, simultaneamente, nos fazem anfitriões, transformando o estranho, o parente e até mesmo o inimigo ou o estrangeiro numa "visita". Ou seja, uma entidade definida com extrema precisão social no caso brasileiro e portanto sujeita a uma série de atenções altamente conscientes - ritualizadas e solenes. Por causa disso, sem dúvida, sendo sobretudo brasileiros, damos tantas desculpas e inventamos tanta cerimônia: umas verdadeiras e outras mentirosas, umas conscientes e outras inconscientes, umas justas e outras simplesmente descabidas e exageradas. Desculpas e ritualizações feitas daquelas coisas que sabíamos estarem erradas ou mal apresentadas, mas que somente depois de a visita nos ter deixado nos damos conta da desarmonia ou feiúra que causavam.

Pois bem: recebo o leitor nessa casa com todos os sentimentos. O primeiro diz, naturalmente, da hospitalidade com que espero acolher aqui quem vem procurar alguma coisa.

Conversa séria ou fiada, conselho, sabedoria ou material de trabalho e pesquisa. Entendimento da sociedade brasileira ou até mesmo diversão e pretexto para uma discordância severa e segura. Sim, porque estes ensaios transcendem em método, estilo e intenções o discurso de uma antropologia social e bem-comportada e seria uma mentira afirmar que desejo somente

escrever "livros científicos", onde teorias são testadas, copiadas ou, eventualmente, demonstradas. Quem escreve sobre a sociedade sem querer perder de vista as relações sociais e seus paradoxos não pode construir casamatas, mas cabanas, barracos e choças. Moradas feitas de grandes espaços abertos, destinadas à boa comida e à nobre cerveja com os amigos, dentro daquelas conversações onde se ama o que se fala e se desculpa toda a veemência que acompanha uma eventual descoberta de algum aspecto da sociedade e da cultura onde se vive.

Mas, devo confessar a bem da verdade, já fiz também minhas muralhas da China, embora deva dizer que nunca tive 'muito pendor para fazê-las muito altas ou muito largas. Daí ter tido meus quintais invadidos, minhas portas forçadas e minhas janelas, às vezes, devassadas. A cada novo livro tudo refiz. Tudo busquei consertar. E, confiante e teimoso, deixei novamente a casa sem muro e com portas e telhados de vidro. Aliás, agora devo ter feito muito pior, posto que apresento uma construção com muita coisa a ser aprofundada e acabada. Mas posso garantir que é uma ampla e acolhedora morada, onde espero receber com honradez e carinho, revelando a fonte de cada peça e procurando iluminar do melhor modo possível seus corredores e porões. Por causa disso não haverá aqui (como jamais ocorreu em outros trabalhos meus) a vergonha da citação do colega brasileiro, nem a omissão de caráter ideológico, ou ainda a supressão da fonte de aprendizado, o ponto onde uma idéia foi colhida.

Assim, se o leitor quiser me acompanhar, eu lhe mostro, daqui da sala de visitas, essa minha nova casa. Diria, inicialmente, que ela começou com uma idéia e não com um projeto bem acabado. É que não sou engenheiro civil mas estudante das coisas humanas. Desse modo, esta coleção de ensaios nasceu da motivação de compreender a sociedade brasileira como alguma coisa totalizada. A idéia de sociedade que norteia este livro, portanto, não é aquela da sociedade como um conjunto de indivíduos, como tudo o mais sendo um mero epifenômeno ou decorrência secundária de seus interesses, ações e motivações. Ao contrário, a sociedade aqui é uma entidade entendida de modo globalizado. Uma realidade que forma um sistema.

Um sistema que tem suas próprias leis e normas. Normas que, se obviamente precisam dos indivíduos para poder se concretizar, ditam a esses indivíduos como é que devem ser atualizadas e materializadas. Aqui a sociedade

é uma entidade que se faz e refaz por meio de um sistema complexo de relações sociais, elos que se impõem aos seus membros, indicando - tal como acontece numa peça de teatro ou num cerimonial - tudo aquilo que é estritamente necessário e tudo o que é dispensável ou superficial para que se possa criar e sustentar o evento que se deseja construir. Esse ponto é importante porque, nos termos da minha metáfora, equivale a dizer que, neste projeto, só tive mesmo a vaga idéia de fazer uma construção que servisse de abrigo original. Algo como um esboço que, muito embora fosse capaz de demarcar definitivamente um dado espaço, não estivesse preocupado com todos os seus aspectos diferenciais. Alguma coisa como a construção de uma casa onde se deixasse de lado o estilo das janelas, portas e móveis, bem como a forma final de seu acabamento, embora se tivesse a pretensão de demarcar o seu conjunto. E nós já sabemos que no caso do Brasil temos uma casa complicada, onde estilos aparentemente singulares e até mesmo mutuamente exclusivos parecem conviver em íntima relação. Afinal, temo que aquilo que se convencionou chamar de barroco não se esgotou no passado, mas é uma arte brasileira na medida em que sua estilística é precisamente essa: a da capacidade de relacionar (ou pretender ligar com força, sugestividade e inigualável desejo) o alto com o baixo; o céu com a terra; o fraco com o poderoso; o humano com o divino, e o passado com o presente...

Foi, pois, neste entusiasmado afã de construção que fiquei surpreendido ao descobrir como é que não se tinha ainda utilizado a casa e a rua como duas "categorias sociológicas" fundamentais para a compreensão da sociedade brasileira de uma maneira globalizada. E observo - pois meu visitante leitor não tem qualquer obrigação de conhecer sociologia francesa clássica - que uso "categoria sociológica" no sentido preciso de Durkheim e Mauss, como um conceito que pretende dar conta daquilo que uma sociedade pensa e assim institui como seu código de valores e idéias: sua cosmologia e seu sistema classificatório; e também para traduzir aquilo que a sociedade vive e faz concretamente - o seu sistema de ação que é referido e embebido nos seus valores. Pois um dos pontos mais importantes da mensagem desses autores foi chamar a atenção para o perigo que existe em separar e, pior ainda, universalizar uma "razão teórica" ou moral- ideal por natureza e definição - e uma outra razão, prática e contraditória por essência, razão que seria sempre mais verdadeira ou

mais palpável que a outra, simplesmente por ter uma "visibilidade" que nós lhe atribuímos.

Quando digo então que "casa" e "rua" são categorias sociológicas para os brasileiros, estou afirmando que, entre nós, estas palavras não designam simplesmente espaços geográficos ou coisas físicas comensuráveis, mas acima de tudo entidades morais, esferas de ação social, províncias éticas dotadas de positividade, domínios culturais institucionalizados e, por causa disso, capazes de despertar emoções, reações, leis, orações, músicas e imagens esteticamente emolduradas e inspiradas.

Mas é claro que dentro da tradição de estudos históricos e sociais brasileiros a idéia de casa parece surgir como um local privilegiado. É preciso, porém, acentuar que nestes estudos a casa surge muito mais como um palco, um local físico, do que como um ator. De fato, na perspectiva da grande maioria destes estudos, são as famílias dotadas de poderio "feudal" - com seu séquito de criados, funcionários, sacerdotes, escravos e seguidores em geral - que comandam pedaços da sociedade e são os verdadeiros atores da história social brasileira. São essas "famílias patriarcas", percebidas como unidades heterodoxas posto que tinham múltiplas funções e somavam hierarquicamente graus variados e extremos da condição humana: dos senhores aos escravos, que são o sujeito da dinâmica social destes trabalhos. Não se percebia, ou muito pouco se discerniu, que, se a família era um ator tão aparentemente dividido ou corroído internamente pela desigualdade, ela se integrava plenamente no espaço da casa, espaço que somente se define e deixa apanhar ideologicamente com precisão quando em contraste ou em oposição a outros espaços e domínios. Assim, se a casa está, conforme disse Gilberto Freyre, relacionada à senzala e ao mocambo, ela também só faz sentido quando em oposição ao mundo exterior: ao universo da rua. Ou seja: o que temos aqui é um espaço moral posto que não pode ser definido por meio de uma fita métrica, mas - isso sim - por intermédio de contrastes, complementaridades, oposições. Nesse sentido, o espaço definido pela casa pode aumentar ou diminuir, de acordo com a unidade que surge como foco de oposição ou de contraste. A casa define tanto um espaço íntimo e privativo de uma pessoa (por exemplo: seu quarto de dormir) quanto um espaço máximo e absolutamente público, como ocorre quando nos referimos ao Brasil como nossa casa. Tudo, obviamente, depende de outro termo que está sendo



implícita ou explicitamente contrastado. Deste modo, meu quarto (por oposição aos outros quartos) é a "minha casa". Já na vizinhança, refiro-me à minha casa incluindo na expressão não só a residência em si, mas também o seu jardim e o seu quintal. Mas, se estou no "centro" da cidade, minha casa pode muito bem ser o meu bairro, com todas as suas ruas e jardins. É que o contraste é realizado aqui num outro plano de oposição, ou, conforme diria Evans-Pritchard, o primeiro antropólogo que chamou a atenção para essa lógica, num outro plano de segmentação (Cf. Evans-Pritchard, 1978: Cap. IV). Conforme tenho mostrado desde que aprendi que casa e rua constituíam um oposição básica na gramática social brasileira, não estamos aqui diante de um contraste rígido e simples, dado por substâncias invariantes contidas em cada termo, mas frente a um par estrutural que é constituído e constituinte na própria dinâmica de sua relação. A falha no discernimento dessa possibilidade lógica tem criado sérios empecilhos para o entendimento correto e profundo do Brasil (e de muitos outros sistemas).

Porque se pensa que, ao se estabelecer os eixos pelos quais uma gramática social pode se realizar, eles não têm qualquer movimento. Mas, na verdade, um número finito de categorias permite uma série de variações, combinações e segmentações, todas contendo ainda graus variáveis de intensidade e exigindo lealdade de ordens diversas. As sociedades são coisas vivas...

E mais: além de variações e combinações - como é justamente o caso dos termos que estamos tratando neste livro -, eles ainda permitem uma outra operação ainda mais importante do ponto de vista sociológico. Quero me referir àquilo que Louis Dumont tem chamado de "englobamento" e que será fundamental para entender qualquer dinâmica social de modo mais profundo. O "englobamento" é uma operação lógica em que um elemento é capaz de totalizar o outro em certas situações específicas. No caso brasileiro, a dinâmica é muito familiar. Diante de certos problemas e relações, preferimos englobar a rua na casa, tratando a sociedade brasileira como se ela fosse uma "grande família", vivendo "debaixo de um amplo e generoso teto", obedecendo naturalmente às leis e seguindo a liderança de quem produz o discurso que é, naquele momento, o "nosso líder" e o "nosso guia e pai". Já mencionei que tal linha semântica, onde o eixo da vida pública (do universo da rua) é englobado pelo eixo da casa, é típico do discurso populista. O resultado é um discurso onde a pessoa, a casa e

suas simpatias constituem a moldura de todo o sistema, criando uma ilusão de presença, honestidade de propósitos e, sobretudo, de bondade, generosidade e compromisso com o povo. Não é ao acaso que tal tipo de fala tem o extraordinário sucesso que todos conhecem... Diria também que esse mesmo tipo de englobamento é igualmente utilizado quando se trata de romper impasses institucionais ou legais, sendo um de seus elementos mais importantes do nosso "idioma de conciliação", onde - novamente - todas as questões são tratadas debaixo de um prisma pessoal e "caseiro", familiar, doméstico.

Mas é óbvio que o oposto é igualmente corriqueiro e conhecido. Pois quem não sofreu uma proibição (ou uma negação) direta e inapelável com base numa lei, com a justificativa de que "por mais que o caso fosse justo", a lei, afinal de contas, "tinha de ser rigorosamente cumprida"? Aqui, parece-me muito claro, a sociedade é englobada pelo eixo das leis impessoais (e pelo mundo da rua), ficando o domínio das relações pessoais (a província da casa) totalmente submerso.

Diria, e quando trato da cidadania neste livro discuto outros aspectos desta questão, que quando a casa é englobada pela rua vivemos freqüentemente situações críticas e em geral autoritárias. Situações onde momentaneamente se faz um rompimento com a teia de relações que amacia um sistema cujo conjunto legal não parte da prática social, mas é feito visando justamente a corrigi-la ou até mesmo a instaurar novos hábitos sociais.

Trata-se, como é mais óbvio, de uma lógica que conduz ao discurso do Estado, que, no caso brasileiro e ibérico em geral, tem razões que a sociedade e a cultura local desconhecem!

Aliás, a essas possibilidades junto uma outra que considero importante para se completar essa "gramática ideológica brasileira". Quero me referir ao espaço do "outro mundo" ou do "sobrenatural", que faz com a casa e com a rua um elo complementar e terminal. Assim, o mundo que chamamos de "real", ou "este mundo", é feito de casa e rua; mas o universo dos mortos é a esfera do "outro mundo". Tal como ocorre com a casa ou com a rua, o "outro mundo" é também um importante elemento englobador de muitas situações sociais. No ensaio sobre os mortos e a morte, tento revelar como esse espaço é fundamental e como se associa a um importante conjunto da nossa identidade cultural.

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

